



Sítio em
versões de
obra de arte

Uma aula de



Na Escola América Dutra Machado, no Bairro Monte Cristo, em Florianópolis, alunos produziram cartazes e faixas e desfilaram pelas ruas da comunidade divulgando projetos antiviolência de que participam

TEMA VIOLÊNCIA É
ABORDADO DE FORMA
CRIATIVA E PARTICIPATIVA
NAS ESCOLAS DO ESTADO

A cada quatro dias letivos, um colégio de Florianópolis procura uma delegacia para resolver problemas ligados à violência. São brigas, xingamentos, *bullying*, tráfico de drogas e até sequestros. E a situação não é restrita à Capital. Casos de agressões verbais e físicas se multiplicam pelas escolas de Santa Catarina e acendem um sinal de alerta: é preciso agir.

Mas as escolas não se limitam a tomar medidas paliativas, como contratação de seguranças, monitoramento e maior controle na entrada e saída de pessoas. Estão utilizando conhecimento e criatividade para implantar projetos que envolvem a comunidade. E com a conscientização e engajamento de todos, começam a buscar uma nova realidade.

Editorial

A escola, que deveria ser um ambiente de aprendizagem, alegria, paz e grandes amizades, infelizmente tem sido palco cada vez mais comum de cenas de todo tipo de violência.

Nesta edição, o DC na Sala de Aula aborda o assunto, apontando soluções, erros que não podem ser cometidos e, principalmente, trazendo exemplos de instituições de ensino do Estado que têm ações de sucesso na prevenção deste grave problema.

Outra reportagem mostra o desempenho das escolas públicas estaduais de SC no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), destacando as 10 melhores e as 10 piores nas séries iniciais e finais. Procuramos as que se saíram melhor para mostrar o que fizeram e fazem para ficar no topo deste ranking tão bem conceituado no Brasil.

Como já é tradição, abrimos espaço nas nossas páginas para divulgar as produções de estudantes de escolas de todo o Estado. São redações, poesias, crônicas, desenhos e colagens que mostram a criatividade e talento dos nossos jovens artistas. Um show!

Programa Jornal e Educação

O caderno DC na Sala de Aula é uma das iniciativas do Programa Jornal e Educação do Diário Catarinense, que trabalha a democratização da informação e dá oportunidade a estudantes de todos os níveis sociais de desenvolverem o pensamento crítico e a cidadania ativa. Desde 2005, o programa tem trabalhado na formação de alunos, ajudando-os a refletir sobre a importância de conhecer, interpretar e trabalhar as mídias em sala de aula.

Para isso, um número determinado de exemplares da edição diária do jornal é enviado para cada escola conveniada, além das edições do caderno DC na Sala de Aula. É feito também acompanhamento pedagógico para auxiliar os alunos e professores a utilizar o jornal em sala de aula, bem como incentivá-los nas produções com o mesmo.

DIÁRIO CATARINENSE

Gerente de Operações: Adriano Araldi
 Coordenadora do programa: Vanessa Esteves
 Editora do caderno: Viviane Araújo
 Textos: Maurício Frighetto
 Diagramação: Keli Cumerlato

Comunique-se com o DC na Sala de Aula
 Rua Desembargador Pedro Silva, 2958, Bairro Itaguaiçu - Florianópolis - SC - CEP: 88080-701
 Telefone: (48) 3216-3444
 Fax: (48) 3216-3355
 E-mail: nasaladeaula@diario.com.br

Artigo

Os papeis da escola

PRISCILA PEREIRA BOY *

Estudos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes indicam que os principais suspeitos geralmente são familiares e conhecidos, o que torna difícil a denúncia.

Segundo o Ministério da Saúde, menos de 10% dos casos chegam às delegacias. Dentre os tipos de violência cometidos contra o ser humano, a violência sexual é a menos denunciada na sociedade brasileira, por várias razões, dentre as quais poderíamos citar: a sexualidade humana ainda é um tabu para a maioria das pessoas, o sentimento de culpa, vergonha e estigma, medo do isolamento social, represálias e ameaças, humilhação, incompreensão de parceiros, familiares, amigos, vizinhos e autoridades, que muitas vezes culpam a vítima erroneamente. Em alguns casos, quando o agressor é um membro da família, o temor de que ele seja afastado se denunciado é um grande obstáculo à denúncia, pois o afastamento poderia resultar em implicações de ordem emocional e econômica.

É consenso entre muitos pesquisadores que há um severo impacto

na vida acadêmica das vítimas de violência: seja ela de ordem sexual, física ou emocional. Há alterações no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, na memória e no rendimento escolar, agressividade e impulsividade e propensão à promiscuidade também têm sido frequentemente relatados. Na infância e na adolescência, a escola pode ser um local ideal para detecção, intervenção e promoção de fatores de proteção que diminuam a violência e seu impacto sobre o desenvolvimento dos alunos.

A escola deve se comprometer com a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, e os educadores devem se engajar na defesa desses direitos. A atuação do professor na identificação e denúncia da violência, na intervenção frente ao bullying, às ofensas e nas relações interpessoais é fundamental, principalmente nas primeiras séries, quando os educadores permanecem cerca de quatro horas diárias com as crianças.

Existem alguns sinais, diante dos quais devemos ficar atentos, visando à identificação da violência, quais sejam: presença de marcas físicas, faltas às aulas, alteração de comportamento, comportamento sexual inadequado e relato da

vítima. Não vamos fechar os olhos para os sinais que as crianças nos demonstram no dia a dia.

Para que a escola cumpra seu papel, de garantir a qualidade de vida de seus alunos e promover a cidadania, ela deve procurar conhecer o universo de informações sobre o tema, sobre a legislação a respeito, sobre os direitos da criança e sobre o desenvolvimento infanto-juvenil, para delinear um programa que possa capacitar seus profissionais.

A escola tem um papel fundamental neste processo, oferecendo aos praticantes e às vítimas de violência outros modelos de solução do problema e enfrentamento, promovendo grupos de discussão sobre o ECA, conscientizando a população sobre a importância de cada um no combate às práticas violentas e abusivas, promovendo ainda, oportunidades que desenvolvam o relacionamento da comunidade com a escola. Vamos proporcionar um espaço de escuta, de acolhimento, porque podemos fazer muito se nos dispusermos a lutar coletivamente pelas crianças e adolescentes do nosso país. Vale a pena participar desta luta!

* Pedagoga, mestre em Ciência da Educação e consultora educacional

Você lembra?

A edição anterior do DC na Sala de Aula, publicada em junho, teve como reportagem principal a gestão democrática, uma tendência cada vez mais forte nas escolas públicas estaduais de Santa Catarina. Neste modelo, pais, professores, estudantes e funcionários têm atuação permanente nos assuntos do colégio. Eles debatem, definem, põem em prática e acompanham os projetos que buscam um ensino com cada vez mais qualidade.

Envie projetos/produções para publicação no caderno DC na Sala de Aula

Critérios para envio de produções dos alunos das escolas estaduais às Gerências Regionais de Educação (Gereeds):

- ✓ Enviar em folha A4
- ✓ Identificar o trabalho no verso
- ✓ Devem constar nome completo, idade, série, escola e município (letra legível)
- ✓ O professor deverá enviar, juntamente com as produções dos alunos, um resumo do objetivo do trabalho desenvolvido
- ✓ As produções devem ser enviadas dentro do prazo estabelecido pelas Gereeds

Critérios para envio de artigos de profissionais de educação para publicação:

- ✓ Devem ser encaminhados com, no máximo, 2 mil caracteres.
- ✓ Fontes Times New Roman ou Arial, tamanho 12

Participe você também!
 Escolas, divulguem seus eventos no nosso mural.
 Esse espaço foi criado especialmente para vocês.

A edição que você lê agora é a segunda deste ano. Até dezembro, publicaremos mais três números. Os trabalhos de sua turma podem ser destaque no nosso caderno. Veja os critérios de publicação no quadro ao lado. Contamos com a sua participação!

Próximas edições*

✓ 28 de setembro ✓ 8 de novembro ✓ 7 de dezembro

* Sujeito a alteração

Agenda de concursos

De olho no Prêmio Jovem Cientista

Os interessados em participar do XXV Prêmio Jovem Cientista têm até o dia 31 de agosto para se inscrever pela internet ou pelos Correios, no caso de estudantes do ensino médio. O regulamento completo do prêmio – que nesta edição tem o tema Cidades Sustentáveis –, as linhas de pesquisa e a ficha de inscrição estão disponíveis no site: www.jovemcientista.cnpq.br. As escolas dos três classificados do ensino médio serão premiadas com laptops.

Senado seleciona as melhores redações

Estão abertas até 30 de setembro as inscrições para o IV Concurso de Redação “O Brasil que a gente quer é a gente quem faz”, promovido pelo Senado Federal. Podem participar alunos matriculados nos dois últimos anos do ensino médio das escolas públicas estaduais, com faixa etária entre 16 a 19 anos. A cerimônia de entrega da premiação será no dia 19 de novembro, no Congresso Nacional. Mais informações: www.senado.gov.br/concursoredacao.

Vídeos de escolas reunidos em festival

Terminam no dia 29 de agosto as inscrições para o 2º Festival de Vídeo nas Escolas. O projeto tem como objetivo exibir vídeos produzidos em escolas públicas e privadas do Brasil e refletir sobre o uso do vídeo nas salas de aula. Podem concorrer vídeos produzidos por professores ou alunos. Todo o processo de inscrição é online no www.kinoikos.com. A premiação será em São Paulo, de 14 a 16 de outubro, com exposições e seminário sobre a produção audiovisual no contexto escolar.

Química é tema de concurso da Unesco

A Unesco no Brasil está promovendo o Concurso de Trabalhos Escritos e Desenhos do Dia Mundial pela Paz e pelo Desenvolvimento. O tema deste ano é “Química – nossa vida, nosso futuro”. Podem participar estudantes do ensino médio, que devem enviar os trabalhos ou desenhos até 5 de setembro. Na edição do ano passado, a Unesco recebeu 563 desenhos e 141 trabalhos escritos. Mais informações: eventos.unesco.org.br/diadaciencia.

MEC premiará ações dos professores

Professores das redes públicas de ensino que desenvolvem experiências pedagógicas bem sucedidas, criativas e inovadoras, podem se inscrever no Prêmio Professores do Brasil. A iniciativa é do Ministério da Educação e tem como objetivo reconhecer o mérito de professores pela contribuição dada para a melhoria da qualidade da educação básica. As inscrições vão até 15 de setembro. Informações: seb.ufg.br/ppb.

Confira a agenda completa dos concursos no www.dcnasaladeaula.com.br

Artigo

Professoras da infância

DANILO GANDIN*

Durante muitos anos, as crianças brasileiras foram educadas pelas professoras oriundas da antiga escola normal. Mesmo depois da década de 70, quando se começou a possibilitar a escola para todos, a “habilitação de magistério”, do ensino de segundo grau, continuou a formar estas verdadeiras mestras que guiaram os primeiros passos escolares de muitíssimos de nós.

O progresso e a necessidade de aperfeiçoamento contínuo foram levando à formação destas professoras para o ensino superior. Agora tramita no Senado um projeto de lei que torna obrigatório o diploma de nível superior para a docência na educação básica, inclusive na educação infantil e na primeira etapa do ensino fundamental.

Parece justo: a tarefa educacional – a prática de ajudar crianças a se educarem – exige uma imensidão de conhecimentos e de qualidades pessoais que só muito estudo e muita vivência podem construir. Quanto menor for a criança, maior deverá ser a preparação dos professores porque maiores serão as consequências dos acertos e dos erros destes profissionais.

Mas uma análise mais aprofundada da questão poderá apontar caminhos que preservem a profissionalização inicial do professor a partir do ensino médio.

De fato, há dois olhares que nos levam a decidir nossa prática: aquele que contempla os princípios oriundos da teoria e da nossa opção, e o que se fixa sobre a realidade em que estamos vivendo. Nunca são boas as ações que se baseiam apenas na compreensão da realidade nem as que só levam em conta os princípios. Assim, nos supermercados de hoje, alguns vegetais mais miúdos e mais feios exibem um preço maior do que outros, mais vistosos.

Segundo os princípios da agricultura atual, deve-se cultivar em grandes quantidades, com adubos e agrotóxicos determinados, para que possamos ter alimentos de qualidade para todos. Mas as circunstâncias que se compreendem a partir de uma análise mais profunda da realidade dão valor a produtos cultivados organicamente, mesmo longe daqueles princípios da teoria.

Analisar a situação dos cursos de magistério a partir deste pensamento ajuda bastante a alcançar a verdade. Professoras assim formadas adquirem uma visão humana da criança mais real e verdadeira. Além de estarem mais próximas do seu estudo porque ainda não trabalham, estas meninas têm um curso com uma integração de matérias muito mais clara e mais profunda do que a que podem oferecer, hoje, as faculdades de educação.

Elas convivem em seus colégios com crianças da idade de seus futuros alunos e têm com estas crianças um contato mais profundo e mais continuado. Como resultado desta situação, sua aprendizagem inclui, além dos conhecimentos que mais tarde vai transmitir a seus alunos, a responsabilidade de educadora, voltada para a construção de uma hierarquia de valores, onde estarão presentes a responsabilidade, a aceitação do diferente, o amor ao trabalho... e para o desenvolvimento de muitas habilidades, como a observação, a análise, a síntese, a criatividade, a admiração ante o mundo, etc.

Por isso, é de se apoiar uma das emendas ao projeto em tramitação no Senado, a que abre espaço para a formação de professoras para o início do ensino fundamental nos cursos que sucederam as escolas normais.



FELIPE PARUCCI

Notícias
Udesc dá auxílio aos estudantes

A Udesc criou o Programa de Auxílio Permanência Estudantil (Prape), que começou a oferecer ajuda financeira no segundo semestre deste ano. Têm direito os alunos de graduação que comprovarem vulnerabilidade socioeconômica. O auxílio de R\$ 450 – sendo R\$ 250 para moradia e R\$ 200 para alimentação – terá a duração de 12 meses e poderá ser renovado por períodos sucessivos, até a formatura.

UFSC lança dois novos cursos

O próximo vestibular da UFSC virá com novidades. Entre elas, a criação de dois novos cursos: Medicina Veterinária, no campus de Curitiba, e Meteorologia, em Florianópolis. Outra novidade é a realização da prova em 22 cidades catarinenses, seis a mais do que na edição anterior. As inscrições para o vestibular iniciam no dia 20 de setembro e seguem até 19 de outubro, no site www.vestibular2012.ufsc.br.

Educação superior ganha reforço

SC vai ganhar novas instituições de ensino superior e técnico. O anúncio foi feito pela presidente Dilma Rousseff, dentro do Plano Nacional de Expansão do Ensino Superior. São Bento do Sul poderá receber uma unidade do Instituto Federal Catarinense (IFC) ou do Instituto Federal de SC (IF-SC). Brusque, ficará sob os cuidados do IFC. Tubarão é apontado como unidade certa do IF-SC. Foi confirmada a implantação de um campus da UFSC em Blumenau.

DC na Sala de Aula em evento nacional

Representantes de vários estados do país participaram do Encontro Nacional de Coordenadores de Programas Jornal e Educação, de 17 a 19 de agosto, em Salvador. A coordenadora do projeto DC na Sala de Aula, do *Diário Catarinense*, Vanessa Esteves, esteve presente:

– Nosso projeto auxilia as escolas na utilização do jornal nas aulas, estimulando o hábito da leitura e o pensamento crítico entre os alunos – disse.

Masc prorroga prazo de exposição

A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) prorrogou o prazo de encerramento da exposição temporária “Linhas Artísticas no Acervo do Masc” para 2 de outubro. O objetivo é atender a grande demanda de visitas de escolas e universidades. A temporária, juntamente com a de longa duração “Tempo Espaço e Arte”, marcou a reabertura do Museu de Arte de SC (Masc) em 30 de junho.

Um sítio que virou obra de arte

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA PAULINA GAYA, DE NAVEGANTES, PROPÕE INTEGRAÇÃO SUPERCRIATIVA

O que o famoso *Sítio do Picapau Amarelo*, obra do conceituado escritor brasileiro Monteiro Lobato, tem a ver com obras de pintores internacionais reconhecidos? Muito! Pelo menos na atividade supercriativa proposta pela professora da disciplina de Arte Andréia Bazzo, da Escola Estadual Professora Paulina Gaya, de Navegantes.

O primeiro passo foi apresentar aos alunos de várias turmas do ensino fundamental e médio obras de arte pré-escolhidas. Foram utilizados os seguintes quadros: *O Grito* (Edvard Munch), *Mona Lisa* (Leonardo da Vinci), *Quarto em Arles* (Van Gogh), *O Casal Arnolfini* (Jan van Eyck) e *Abaporu* (Tarsila do Amaral). Num segundo momento, foi lembrado o trabalho feito por Monteiro Lobato. O desafio proposto aos estudantes foi

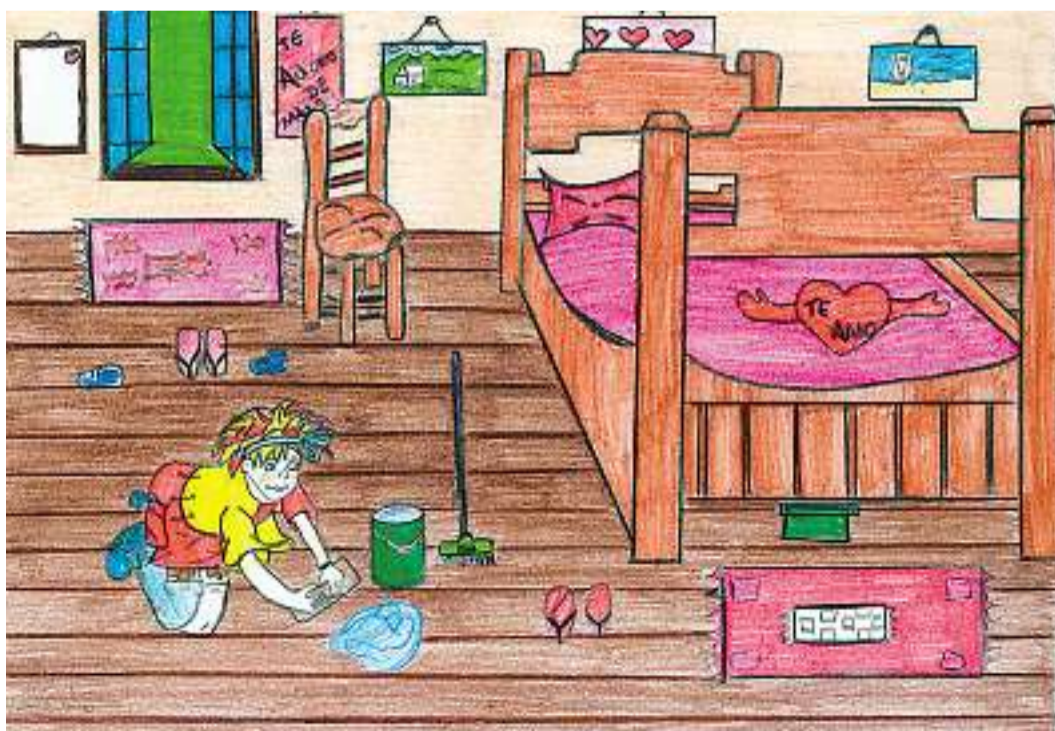
fazer uma releitura das obras de arte, utilizando os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. O resultado foi a produção de inéditas e inusitadas obras de arte por parte dos alunos. Teve de tudo: a Emília do quarto do Van Gogh, o Pedrinho e o Visconde de Sabugosa no *Abaporu* e até a Cuca pousando de *Mona Lisa*. Ou seja, muita diversão, criatividade e acima de tudo, aprendizado de literatura e arte mundial. Parabéns!



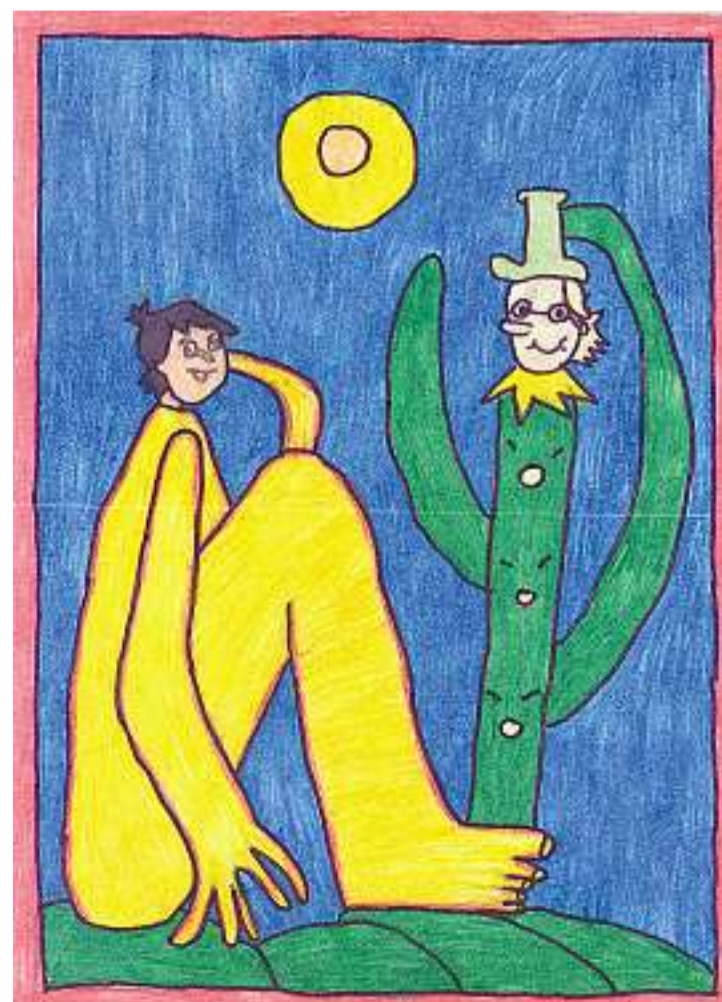
KARLA BIANCA LOPES
15 anos



JÉSSICA ALVES SIQUEIRA
15 anos



LARISSA DE SOUZA MARGARIDA 15 anos



ANA PAULA TRAMONTIN
14 anos



IVELA TOMAS RIBEIRO 15 anos



LUCIEIDE CONCARI 13 anos



LILIAN DO NASCIMENTO 15 anos



JANAÍNA VAZ DA SILVA 17 anos



CAROLINE NUNES VIEIRA 15 anos



JAQUELINE DALAMARIS PAZ 15 anos



ADRIANA APARECIDA ROYER DOS SANTOS 16 anos

Violência, é hora de debater e combater

ESCOLAS DESENVOLVEM PROJETOS E AÇÕES PARA SENSIBILIZAR ESTUDANTES E TODA A COMUNIDADE

MAURÍCIO FRIGHETTO

Agressões, xingamentos, *bullying*, tráfico de drogas e até assassinatos. Estes são alguns tipos de violência que fazem parte do cotidiano de muitas escolas brasileiras. Pesquisa feita pela professora Julia Siqueira da Rocha, em Florianópolis, mostra que a cada quatro dias letivos um colégio procura uma delegacia para resolver problemas semelhantes. Mas como prevenir?

– Temos que cuidar da nossa escola, do entorno dela, envolver pais, professores, trabalhadores, alunos, órgãos públicos e toda sociedade civil. Só trabalhando em rede resolveremos estes problemas – aponta a professora.

Julia é coordenadora do Núcleo de Educação e Prevenção das diversas formas de violência nas escolas de Santa Catarina (Nepre), da Secretaria da Educação. Com atuação desde de janeiro deste ano, o órgão estuda e produz conhecimento sobre a violência nas escolas. No futuro, o objetivo é que cada unidade escolar conte com um comitê com estas mesmas funções.

Em 2010, a pesquisadora publicou o livro *Violências na Escola – da banalidade do mal à banalização da pedagogia*, resultado da dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram analisados os boletins de ocorrência (BOs) registrados na Delegacia de Proteção à Mulher e ao Adolescente, em Florianópolis. Os dados do estudo são importantes para entender o tema e buscar soluções.

Foram diagnosticados 135 tipos de violência, que vão desde a agressão física, xingamento, ameaça, tráfico de drogas e até um sequestro. Este último se refere à história de um garoto raptado no portão de escola na região de Balneário Camboriú, colocado no porta-malas e liberado em Florianópolis.

Casos de crueldade são os que mais impressionam

Os casos que mais chamam a atenção da pesquisadora são aqueles que mostram a crueldade dos alunos. Em um deles, dois meninos mataram um gato de tanto usá-lo para bater em outros estudantes. Depois, morto, o bicho foi pendurado em uma cerca.

Em outra ocasião, um menino foi mordido no braço por um colega de quem conseguiu fugir de um estupro, no banheiro da instituição.

Um dos dados importantes da pesquisa é que os casos de extrema violência foram precedidos por outras formas de violência.

– Xingamentos, que mereciam um tratamento pedagógico, foram deixados de lado. Depois, viraram uma surra. Onde estavam os adultos na hora dos xingamentos? Indisciplinada não tratada tende a virar violência – alerta a professora.



MENSAGEM Professores e alunos da Escola América Dutra Machado, de Florianópolis, realizaram uma passeata pelo Bairro Monte Cristo. O objetivo foi mostrar para a comunidade as ações positivas desenvolvidas pela instituição

Uma mensagem de amor pelas ruas da Capital

Era uma manhã de quinta-feira, com muito sol e temperatura agradável. Enquanto a maioria dos estudantes de Santa Catarina estava dentro das salas de aula, no Bairro Monte Cristo, em Florianópolis, cerca de 300 tomaram as ruas da comunidade. Com cartazes, faixas e camisetas brancas, fizeram uma passeata pela paz.

Segundo a diretora da Escola América Dutra Machado, Maria Clara Vinotti, a passeata teve o objetivo de mostrar para a comunidade as diversas ações positivas da escola.

– É necessário um trabalho realmente envolvente e estimulador para as crianças. Temos que mostrar nossas ações positivas, para a comunidade acreditar que tem potencial. E tam-

bém temos que mostrar a nós mesmos que tem coisas bonitas aqui – disse.

Um dos projetos representados na passeata foi Os Amigos da Paz. São monitores que, no recreio da escola, organizam brincadeiras e ajudam a deixar a escola limpa.

– É para os estudantes aprenderem e para a gente aprender junto com eles. Brincar é melhor do que brigar – diz a estudante Lucimara Aparecida Fernandes, 17 anos.

Recreio, aliás, que começa e termina sem sirenes, mas com a música que tocava quando Ayrton Senna vencias as corridas: o *Tema da Vitória*. Cada dia, também, um ritmo diferente embala os estudantes: do sertanejo ao rap, passando pela MPB.

Os cartazes da passeata pediam outra coisa importante nos tempos atuais: a preservação da natureza. Tanto que um dos projetos da escola é o Ambial, que trata da educação ambiental integrada com a comunidade. Por meio dessa iniciativa, entrou no colégio a Revolução dos Baldinhos, um dos projetos sociais de maior sucesso na região.

Em parceria com o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (Cepagro), o lixo passa por um processo de compostagem e serve de adubo para hortas cultivadas pela própria comunidade. A passeata pela paz também pode servir de adubo para que a comunidade reflita sobre o tema da violência e busque soluções.

“É necessário um trabalho envolvente e estimulador para as crianças. Temos que mostrar nossas ações positivas, para a comunidade acreditar que tem potencial. E também temos que mostrar a nós mesmos que tem coisas bonitas aqui.”
Maria Clara Vinotti, diretora

Os 10 passos para a prevenção

A professora Julia Siqueira da Rocha, autora do livro *Violências na Escola – da banalidade do mal à banalização da pedagogia*, produziu um guia de como prevenir o problema. Confira:

- 1º Reconhecer que a escola trabalha prioritariamente com o conhecimento. Assim, é imprescindível estudar a temática das violências tanto nas vertentes clássicas da sociologia, da antropologia e das outras áreas do saber, quanto nas pesquisas acadêmicas que buscam pensar sobre situações mais vivenciais. Isso pode ser feito em um comitê que reúna professores, funcionários, estudantes e pais.
- 2º O passo seguinte é fazer um diagnóstico dos tipos mais frequentes de violências na sua escola: agressão, brigas, xingamentos, ameaças, *bullying*, depredações.
- 3º Além de ter um diagnóstico dos problemas na escola, é importante fazer um diagnóstico do entorno dela: há segurança? Existe tráfico de drogas ou outros tipos de gangues? Existem bares com venda de cigarros, álcool, jogos?
- 4º Com o conhecimento na mão, o próximo passo é construir uma cultura de proteção compartilhada, uma forma de atuação que professores, trabalhadores, estudantes e pais se sintam corresponsáveis uns pelos outros, firmem compromisso de autocuidado e cuidado coletivo.
- 5º Outro ponto importante é buscar parcerias para que seja realizado um trabalho em rede. Dá para envolver órgãos da Justiça, assistência social, saúde, segurança pública, Ministério Público e instituições da sociedade civil.
- 6º Trabalhar o aluno como um multiplicador das ações é outro ponto importante, mesmo porque não há ninguém melhor que o jovem para falar com o jovem. Produzir materiais que tratem da prevenção da violência tanto em sala de aula quanto em veículos de comunicação interna (como rádios, jornais ou blogs) ajuda a combater a violência.
- 7º Fazer mediação pedagógica intervindo mesmo nas disciplinas consideradas menores, como um falar mais ríspido, inicia uma reconstrução de outro patamar de conduta onde educação e gentileza circulam mais do que a rispidez.
- 8º Introduzir formas de mediação pacífica de conflitos constrói o diálogo como o melhor condutor dos problemas.
- 9º A estética dos ambientes escolares é importante, pois a organização dos espaços configura a mente tanto quanto os conteúdos. Assim, melhorar os espaços qualifica a convivência.
- 10º Entender e socializar a ideia de que as diversidades humanas são o grande patrimônio da escola e da sociedade. Assim, acolher entender e aprender com o diverso é o que nos faz melhores.



RESPEITO Estudantes da Escola Ildelfonso Linhares, do Bairro Carianos, na Capital, colocaram em cartolinas o resultado dos debates entre eles sobre preconceito sexual

Concurso de cartazes leva à discussão sobre homofobia

Diga não à homofobia. A frase em uma cartolina na Escola Ildelfonso Linhares, no Bairro Carianos, em Florianópolis, faz parte de um dos cartazes vencedores do III Concurso de Cartazes sobre Transfobia, Lesbofobia e Homofobia nas Escolas, promovido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (Nigs) da Universidade Federal de SC (UFSC). Por trás de cada cartaz vencedor, uma turma inteira discutiu um dos assuntos mais importantes da atualidade: a aceitação de pessoas que têm uma opção sexual diferente.

A escola, no ano passado, já havia participado do concurso. Mas tudo foi feito em cima da hora. Neste ano, pesquisadores do Nigs foram até a escola e fizeram oficinas, tratando de vários tipos de violência: entre alunos, entre alunos e professores, *bullying* e transfobia, lesbofobia e homofobia.

Dali, saíram cartazes interessantes. Um deles conta a história de um garoto de 15

anos, que, em Alagoas, levou tapas de outro aluno. Estudantes teriam dito que o agressor tinha uma relação com a vítima. E o vídeo ainda foi parar na internet.

– O tema é recorrente. Veja as paradas gays que acontecem pelo país. A sociedade precisa aprender a respeitar as diferenças, goste ou não disso – avaliou a assistente técnica-pedagógica da escola, Daniela Azevedo.

O cartaz vencedor foi feito pelos estudantes Ives, 14 anos, Maury, 13, Andrey, 15, Leonardo, 15, e José Henrique, 15.

– Vimos muito este tema na televisão. Um dos casos que mais me chamou a atenção foi dos homossexuais agredidos com lâmpadas fluorescentes em São Paulo – contou Ives.

diario.com.br

> Dê a sua opinião sobre o problema da violência nas escolas ou dê sugestões de como combater o problema

“O tema é recorrente. Veja as paradas gays que acontecem pelo país afóra. A sociedade precisa aprender a respeitar as diferenças, goste ou não disso.”
Daniela Azevedo, assistente

Para pensar...

- Ao contrário do que muita gente pode pensar, as escolas privadas têm, proporcionalmente, um percentual maior de registros de ocorrências em relação às escolas públicas.
- Há grande evidência de que as violências físicas são via de regra precedidas por inúmeras outras, que muitas vezes são banalizadas nas relações pedagógicas.
- É crescente a participação feminina, inclusive em situações de agressão física espetacularizadas.
- A faixa etária dos alunos em que ocorrem mais situações de violências com professores é de 13 a 18 anos. Há entre estes estudantes novas modulações de violências com tendência a espetacularização divulgadas na internet.
- Nos diálogos via internet sobre estes eventos é possível observar normas, ritos e, inclusive, questionamentos morais sobre em quem se deve bater e quem deve ser poupado de surras.
- Práticas violentas repetitivas e de conhecimento dos vários segmentos escolares, que as banalizam, aceitam e ou toleram, acabam por alimentar o ciclo das violências, naturalizando-as.
- O silêncio dos profissionais frente às primeiras agressões, que costumam ser verbais, parece contribuir para a especialização de padrões mais perversos de agressão.
- Situações de indisciplina, conflitos geracionais ou de convivência em grupos tornam-se casos de polícia. Uma tentativa vã de que a delegacia resolva problemas próprios de contextos escolares.
- Evidencia-se a fragilidade dos trabalhadores da educação, que estão sujeitos a contextos tão violentos, que alimentam o quadro crescente da desvalorização da carreira do magistério e o assédio horizontal e ambiental.
- Há comportamentos violentos tão complexos que as medidas pedagógicas isoladas sempre serão insuficientes, necessitando da intervenção de serviços de saúde e Justiça.
- Há escolas que adotam práticas perversas como a de selecionar alunos para fazer a delação de outros, mecanismo este que muitas vezes gera maior violência. Práticas como a expulsão, suspensão, ameaça de reprovação também aparecem travestidas de medidas pedagógicas.
- Em algumas escolas, os profissionais da educação garantem a integridade física e psicológica dos estudantes, suscitam o diálogo para resolução de problemas e geram encaminhamentos aos órgãos competentes de proteção à Criança e ao Adolescente, numa tentativa comprometida de encontrar soluções para o complexo e dinâmico campo das violências em contextos escolares.

Fonte: *Violências na Escola – da banalidade do mal à banalização da pedagogia*, Julia Siqueira da Rocha

Muito além de uma olimpíada

COMPETIÇÃO DE REDAÇÃO, POESIA E CRÔNICA RESULTA EM LIVRO COM AS PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES

Por que participar de uma competição? Para tentar ser vencedor? Sim. Mas não só isso. Um exemplo é a Olimpíada de Língua Portuguesa “Escrevendo o Futuro”, que proporciona interação entre professores e estudantes, e a vivência de uma metodologia de ensino da língua que trabalha com quatro gêneros textuais: poemas, memórias, crônicas e artigos de opinião. Na Escola de Ensino Fundamental Professora Maria Clementina de Souza Lopes, em Palhoça, os textos produzidos por alunos entre 5ª e 8ª séries viraram um livro organizado pelo professor Jair Francisco Lusa, publicado em 2010.

– Primeiro, eu participei de um seminário e me deram material didático, como livros e CDs. Depois, ocorreram as oficinas com os estudantes, onde foi trabalhado desde gramática, acentuação, até a produção de textos – conta o professor.

O tema da olimpíada era “O lugar onde vivo”. Os estudantes fizeram diversas entrevistas com pessoas da comunidade e as informações foram parar em painéis para a consulta. Também foi realizada exposição de objetos antigos.

A olimpíada é uma parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e a Fundação Itaú Social (FIS), sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). O projeto recebe o apoio também do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (Consed) e da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

Nos anos ímpares, há formação dos professores. Nos pares, a competição. Cinco textos em cada categoria são premiados. Mas todos merecem destaque. Alguns deles produzidos na escola de Palhoça estão publicados nestas duas páginas.



NO PAPEL Professor Jair Francisco Lusa transformou em publicação a criação literária dos seus alunos e virou um ídolo

CATEGORIA: TEXTOS DE MEMÓRIAS

O LUGAR ONDE MORO

Jéssica Silveira
Turma 61

Quem não conhece Palhoça não conhece São Sebastião, que também é chamado por Cova Funda. Aqui em São Sebastião é bem movimentado, mas eu fico pensando o porquê desse nome, Cova Funda. A maioria das pessoas daqui chama esse lugar de Cova Funda talvez porque aqui é cercado de morros ou parece mesmo uma cova bem funda. Não sei, só sei que existe imaginação pra tudo, eu ouvi falar que esse nome foi inventado de um mito que a comunidade inventou. Há muito tempo, quando havia poucos moradores aqui, veio um negro morar aqui e as pessoas que aqui moravam eram bem preconceituosas (ainda existem pessoas assim). Um dia ele foi para uma bodega e bebeu tanto e provocou uma confusão tão grande que vários outros homens o mataram e o enterraram em uma lagoa que existia no bairro e que era denominada a cova funda.

COMO ERA O MEU BAIRRO

Natacha Romanski
Turma 61

Quem não conhece Palhoça não conhece a minha cidade, que fica localizada na Grande Florianópolis. Palhoça era só habitada por pessoas predominantemente brancas, tinha a bodega, que agora é bar, e mercado. Tinha também as brincadeiras de mãe e filhinha, de professora, de carrinhos, de trabalhinho, de outras brincadeiras que só levavam à diversão. Normalmente quando as crianças faziam as coisas erradas, o pai ou a mãe batia neles com chicotes, com vara, com a cinta, com a vara de pescar, e com chinelo, não é igual hoje que o pai ou a mãe só falam e depois não fazem mais nada. Assim era nossa vida, com brincadeiras, surras... ah, mas eu esqueci de uma coisa. Você deve estar se perguntando como era a nossa paquera naquele tempo, né? A nossa paquera quase todos em bailes, os jovens “ficavam”, e depois de um tempo iam falar com os pais sobre namorar com a sua filha. Os pais eram muito mais liberais com os filhos do que hoje, que os pais deixam namorar a partir de certa idade. Assim era o nosso bairro, calmo, amoroso, com paz, e muito bom de viver.

O BAIRRO EM QUE EU MORAVA

Raul Toledo Soares Paiva
Turma 61

Quem não conhece a Cova Funda é porque não conhece a minha cidade: Palhoça, que é conhecida bela por natureza. O bairro ganhou esse nome porque certo dia um senhor negro veio morar aqui. Todos os dias, o negro ia contar lorotas no bar do seu Juca, um velho bastante simpático que sabia da vida de todo mundo. Por preconceito, um senhor branco entrou no bar e tirou o resto de vida do pobre negro e, dizem, o enterrou em uma cova bem funda para que ninguém o achasse. Naquele tempo, brincávamos de peteca, feita de meia e pena de galinha. Brincávamos de esconde – esconde nos morros que cercavam o bairro. Não tínhamos lugar para nos divertir. Os adultos só tinham um pequeno salão, para poder dançar um pouco. Hoje o bairro é bem mais calmo. Tão calmo que levo meus netos todo dia para o parquinho, para poder me divertir um pouco com eles.

MINHA HISTÓRIA

Thayse Lucio dos Santos
Turma 61

Eu moro em Palhoça já faz muito tempo. A minha vida era muito simples, adorava brincar, pique-esconde, cabra-cega, pé-na-lata, futebol. Quando eu acordava de manhã, eu sentia o cheirinho do café cheiroso, feito no fogão a lenha, que delícia! Saía porta afora e sentia o vento suave das árvores batendo ao meu rosto, adorava isto. Mudou muito, de como era antes. Agora tem desmatamento, queimada, poluição... eu era feliz e não sabia. Ah, mas tem um lado bom nesta história, eu me casei, tenho uma mulher linda, que conheci no Guarani, não irei dizer o nome dela. Quando acordo ao lado dela, penso assim: foi bom tê-la conhecido. Tá bom, irei contar sobre Palhoça, ah ela é linda! Paisagens, casas lindas, está evoluindo muito. Moro no Morro do Pagara, lá de cima tem uma vista maravilhosa, tem flores, árvores, e de lá dá pra ver a Palhoça inteirinha, tem a escola onde a minha filha estuda, e, sempre que levo ela para o colégio, me lembro da minha época. Sabe, não tinha muros ao redor da escola, e não existia aquele segundo pavimento, mas existiam sete pés de pinheiro. Ainda me lembro daquelas árvores enormes, quantas boas lembranças de coisas feitas debaixo delas: era um menino bagunceiro, mas nunca brigava com ninguém. E hoje, nossa cidade está evoluindo, está linda, maravilhosa, moro aqui até hoje, e não pretendo sair daqui nunca. Hoje eu sou feliz com a minha família e não me arrependo de nada que eu fiz. Ah, eu não posso deixar de agradecer por ter lido a minha história. Muito Obrigado!

CATEGORIA: POESIAS
O LUGAR ONDE EU MORO
Alessandro Rodrigues Furtado
 Turma 51

O lugar onde eu moro,
tem muita vida para viver,
eu vou curtir bem,
porque um dia eu vou morrer.

O lugar onde eu moro,
tem muita coisa legal,
eu gosto muito,
é quando chega o Natal.

O lugar onde eu moro,
é belo por natureza,
eu prefiro rir de felicidade,
que chorar pela tristeza.

O lugar onde eu moro,
é em São Sebastião,
nessa vida eu brinco muito,
solto pipa e jogo pião,
obrigado por me ouvir.

MEU BAIRRO
Marcos Ariel Gonçalves
 Turma 51

É um lugar tranquilo,
tenho muito que aprender,
neste lugar tão pequeno.

Sou um menino feliz,
o meu bairro também,
ó quem mora há mais tempo
sabe te contar melhor.

A população razoável,
tem casa uma mais bonita que a outra,
a minha não é tão bonita.

O nome do meu bairro é Alaor Silveira,
um lugar bom para se morar,
onde boa parte das pessoas moram.
Neste bairro tem coisas que não sei,
por isso vou parando por aqui.

BELEZAS DE PALHOÇA
Schirlene de Lima
 Turma 51

Palhoça, cidade linda, maravilhosa,
o que pode faltar neste lugar...
o sol nascendo, o seu brilho aparecendo devagar,
de manhãzinha o vento traz barulhos dos carros
passando, pessoas falando,
indo trabalhar.

Em Palhoça, algumas pessoas na roça trabalhando,
plantando e colhendo
para conseguir se alimentar,
belezas do lugar.

Olhe a noite só,
esse luar, maravilhoso gostoso de ver,
as estrelas brilhando,
tudo muito bonito de ser.

Não muito precisa falar,
basta só olhar, para se apaixonar
por esse lugar.

MINHA PALHOÇA
Angélica Fraga Espíndola
 Turma 52

Minha Palhoça querida,
nela há muita vida,
tem muitas rosas,
muito cheirosas.

Ela é bela por natureza,
ela tem tanta beleza,
e tem muito mar,
neste lugar.

Essa cidade não tem igual,
ela tem algo especial,
tem passarinhos
nos ninhos.

MEUS TEMPOS DE CRIANÇA
Karoline Mendes Ortiz
 Turma 71

Quando Maria começou a falar me pareceu com muita saudade. Hoje observo as crianças desse bairro e me recordo de como eram as coisas antes. Hoje as crianças brincam com brinquedos eletrônicos como videogames, computadores e etc. Antigamente as crianças brincavam com brinquedos mais legais e saudáveis pois tinham mais movimentos. Meu bairro São Sebastião, sempre foi bem pacato com um inconfundível cheiro de mato, muito verde de árvores e pastos, que existiam nas casas, diferente de hoje onde é difícil encontrar um terreno baldio.

Podemos dizer que todos que moravam ali se conheciam, diferente de agora, que um vizinho não dá nem bom dia ao outro. Este bairro cresceu muito, antes não havia grande parte dele. O que tinha e continua tendo é a escola, simples, que mudou o futuro de muitas crianças. E a igreja de São Sebastião, a charmosinha igreja que existe desde que eu nasci. São Sebastião sempre foi tão bom de morar. Me lembro como se fosse ontem, de quando eu e meus amigos brincávamos de rua, pega-pega, bolica, esconde-esconde, o chefe mandou. Era tão bom quando podíamos brincar na rua sem medo e sem preocupações...

Eu adorava ir à casa de meus primos jogar futebol de botão. Sempre quando íamos, pedíamos a benção pra minha tia. A casa sempre arrumadinha, pão caseiro, comida, chimarrão, e muita conversa. Enquanto brincávamos, o cheiro, o sabor da comida eram incomparáveis e inesquecíveis.

São Sebastião teve muitas histórias, e quanto mais este bairro existir e crescer mais histórias vão ter...

(Texto baseado na entrevista de

COMPARAÇÕES
Lázaro Matias Gomes
 Turma 72

O lugar onde eu moro, é um belo lugar para se viver, parece um paraíso exuberante, com um ar gostoso de se respirar, com montanhas altas, parecendo arranha céus, e com muitas árvores imensas, semelhantes a pinheiros da serra, cujo topo parece um prédio de três de andares

Além disso também tem de águas cristalinas que mais parecem espelhos sem fim.

Há a praia do sonho, que o nome já diz tudo, é realmente um sonho, uma praia com águas verdes da cor de esmeraldas brilhantes, emoldurada de montanhas imensas o que deixa o local mais belo e com o contraste. Uma paisagem de paraíso perfeito. Falando nisso, lembro que, na década de 90, o meu bairro e minha cidade, não passavam de um lugar pobre e quase sem vida, parecendo o nordeste, onde se vê uma casa a quilômetros de distancia de outra. Para qualquer lado que olhasse só se via mato e mais mato, mangues, uma parte do mato seco, amarelo feito o sol ao amanhecer e outra parte, verde, feito gramado exuberante, mas sem cuidado, tinha mato que era semelhante a uma navalha bem amolada, que corta carne facilmente.

E hoje em dia, porém a cidade, embora seja ainda pequena, está sangrando de casas, e crescendo cada vez mais, parecendo São Paulo, que cresce sem freios e com muita tecnologia, com trambolhos complicados de se mexer, e com nomes estranhos difíceis de se pronunciar.

Isso me faz lembrar também, minha infância, quando eu e meus amigos nos reuníamos para jogar futebol de botão, com mesa feita de madeira e marcada com linhas pintadas e para jogar pião. Hoje em dia as crianças nem se reúnem mais, só ficam em casa brincando com essas baboseiras do mundo novo, vídeo games, carros de controle remoto...

CATEGORIA: CRÔNICAS
A PRAÇA QUE ERA UM CAMPO
José Rafael dos Santos
 Turma 81

Em um dia de sol, que estava ótimo para jogar uma pelada, os meninos do Bairro de São Sebastião pegaram a bola e foram até bem de frente com a igreja e com a rua principal do bairro, onde estava localizado o campinho.

Chegando lá, eles deram de cara com as máquinas da prefeitura que estavam sobre o terreno. Os meninos viram que as traves, feitas de bambu, estavam destruídas e então perguntaram:

– O meu, o que está acontecendo?
– O campinho de vocês já era! Anda logo, vaza daqui seus moleques – responderam os funcionários – chatos!

Os moleques pegaram a bola, botaram debaixo do braço e foram embora. Hoje a praça está às moscas, muito pelo contrário quando era um campinho, vivia cheia.

Por isso os garotos ainda estão se perguntando: não seria melhor ter arrumado o campinho ou ter construído um ginásio esportivo no local? Pois é, pena que a prefeitura não pense assim. Fazer o que? Já que eles gostam de desperdiçar o dinheiro público...

Uma volta no tempo

Que tal voltar no tempo um pouquinho para conhecer como eram as coisas antigamente por meio das histórias de parentes mais velhos? Este foi o desafio lançado pelos professores de Língua Portuguesa Ana Paula Kretzer e Juliano Norberto Wagner, da Escola de Educação Básica Silva Jardim, de Alfredo Wagner. O objetivo do “Memórias Literárias” foi despertar nos alunos a sensibilidade de reproduzir a história de seus antepassados, valorizando o lugar onde eles viveram e suas experiências. O trabalho mobilizou os alunos de várias séries e resultou em redações superinteressantes.

Tempos que não voltam mais!

Autora: Mariane Redivo

Lembro-me muito bem dos meus tempos de menina, onde eu vivia muito feliz. Meus pais, já falecidos, eram agricultores e trabalhavam muito para dar comida para mim e meus irmãos. Éramos nove. Lembro como se fosse hoje, os dias em que eu ajudava minha mãe a fazer comida e meus irmãos ajudavam meu pai lá na roça a colher cebola.

Quando ia chamá-los para vir almoçar, na volta apostávamos corrida e sempre meus irmãos mais velhos venciam. De tarde, todos íamos trabalhar. Mamãe ficava em casa para lavar roupa em um arroio que tinha lá perto. Nos dias de chuva, todos ficávamos dentro de casa e meu pai acendia uma vela como forma de proteção. Quando tinha trovoadas de granizo, ficávamos quietinhos e até rezávamos.

Meus pais nos deram uma ótima

educação. Se em algum sábado ou domingo recebêssemos visita e algum de nós se intrometesse no caso dos mais velhos, quando a visita ia embora, papai pegava sua única chinelona velha e rasgada e nos dava uma lição. Se não fosse isso, ele fazia nós nos ajoelhar no milho. Eu morria de medo! Hoje eu sei que é por isso que antigamente éramos mais bem educados, recebíamos castigos.

Eu cresci e logo me casei com o pai dos meus filhos, já falecido. Tivemos 10 filhos, dos quais nove hoje são vivos e, infelizmente, uma mulher falecida. Moro com a minha filha mais velha, solteira. Sofri com as dificuldades que tive para educar e alimentar meus filhos. Mas me orgulho, pois consegui, mesmo com tanta pobreza. Tenho 84 anos, sou uma mulher satisfeita e muito feliz, pois tenho uma família unida e amada.

Quando eu era feliz

Autor: Carlos Roberto Prust

Eu era apenas um menino, de família humilde, mas muito feliz. Eu adorava brincar com meus amigos e irmãos. O que eu mais gostava era do carrinho de madeira que eu e os meus irmãos construíamos. A gente se machucava muito descendo os morros todos cheios de lama e pedra. Mas o machucado era bom, pois a gente se divertia muito.

Nós também gostávamos muito de ir no mato apanhar frutas e também de brincar de tiro ao alvo com estilingue. Naquele tempo, a gente não ficava no computador, muito menos vendo televisão. O nosso bem mais precioso era um rádio velho, que nós usávamos para escutar um programa ou para ouvir um jogo de futebol.

Minha infância foi meio sofrida, pois nossa família era muito pobre, e eu, meus pais e meus irmãos tínhamos que trabalhar muito na roça para sustentar a casa. Quando a gente estava na roça e começava a chover, nós logo voltávamos e ao chegar em casa, ficávamos jogando baralho.

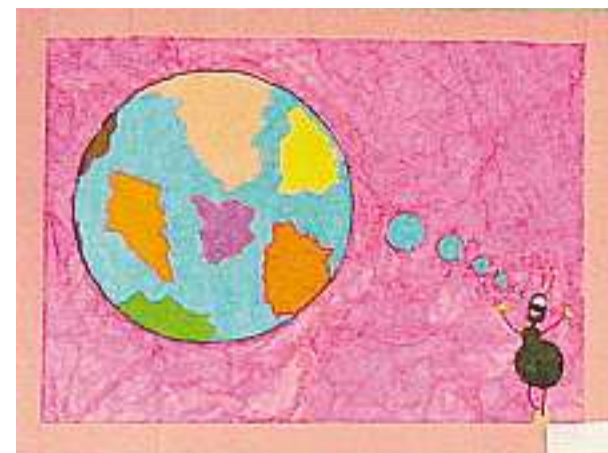
Ir à escola era bom, mas os professores daquela época eram muito bravos e severos. Para se entrar na sala de aula, era obrigado a fazer uma fila com um braço de distância de quem estava na sua frente. Não havia cadeiras e muito menos carteiras. A gente tinha que caminhar alguns quilômetros para chegar à escola e nossas mochilas naquela época eram sacos de arroz. Hoje, tudo está muito diferente. Me lembro como se fosse ontem como eram feitas as casas, os moradores é quem construíam. Eu ajudei a construir a estrada geral que liga o centro com o interior.

Quando era criança, eu mesmo fazia meus brinquedos com madeira, retalhos de panos velhos, palha de milho e até mesmo com pedras. Eu fui crescendo e acompanhei vários fatos marcantes na cidade de Alfredo Wagner e um deles foram as enchentes. Uma das que mais me marcou foi a de 1983, quando uma barreira caiu dentro do rio, represando-o.

Quando a barreira arrebentou, a força da água represada foi arrastando tudo que encontrava pela frente, principalmente as casas. Sorte que a água não chegou à nossa casa, mas faltou pouco para chegar.

Quando chovia em nossa casa, molhava tudo, pois as telhas eram velhas porque nós não tínhamos condições de comprar telhas novas. Mas mesmo assim, a gente dava um jeito de dormir com algumas goteiras. Nossa mãe tinha que colocar várias panelas para não molhar o chão. Eu era pobre, no entanto, feliz. Hoje estou aposentado, moro no lado da casa da minha filha e gosto muito de contar minhas histórias para os outros e também me orgulho de estar com 78 anos de idade sem nenhum problema (muito grave) de saúde.





Filosofando John Lennon

MENSAGEM DE *IMAGINE* REPRODUZIDA EM CARTAZES

Os alunos da 2ª e 3ª séries do ensino médio da Escola de Educação Básica Irmão Joaquim, localizada em Ibicaré, desenvolveram na disciplina de Filosofia uma atividade a partir do vídeo da música *Imagine*, de John Lennon (<http://www.youtube.com/watch?v=OzHAVgJzx5U>). A iniciativa foi da professora Sirlei Saete Dalla Lasta Osmarini.

A justificativa da atividade: “A sensação e a percepção são as principais formas do conhecimento sensível. A imaginação é uma capacidade irrealizadora, capaz de tornar ausente o que está presente, de tornar presente o ausente e criar inteiramente o inexistente. A imaginação tem também uma força prospectiva, consegue inventar o futuro. Pode criar um mundo irreal, que julgamos melhor que o nosso”.



Imagine

(Tradução da música de John Lennon)

Imagine que não há paraíso
É fácil se você tentar
Nenhum inferno abaixo de nós
Acima de nós apenas o céu
Imagine todas as pessoas
Vivendo para o hoje
Imagine não existir países
Não é difícil de fazê-lo
Nada pelo que lutar ou morrer
E nenhuma religião também
Imagine todas as pessoas
Vivendo a vida em paz
Você pode dizer
Que eu sou um sonhador
Mas eu não sou o único
Eu tenho a esperança de que um dia
Você se juntará a nós
E o mundo será como um só
Imagine não existir posses
Me pergunto se você consegue
Sem necessidade de ganância ou fome
Uma irmandade de humana
Imagine todas as pessoas
Compartilhando todo o mundo
Você pode dizer
Que eu sou um sonhador
Mas eu não sou o único
Eu tenho a esperança de que um dia
Você se juntará a nós
E o mundo será como um só



Os segredos para ir bem no Ideb

ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS COM MELHOR COLOCAÇÃO MOSTRAM O QUE FIZERAM PARA CHEGAR LÁ

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) ganhou ainda mais força com um projeto de lei que tramita no Congresso Nacional. A ideia é obrigar as escolas a colocarem uma placa na porta, de no mínimo um metro quadrado, revelando a média que obteve na avaliação. Mas como se sair bem neste ranking? As escolas estaduais com melhor colocação no Ideb têm três coisas em comum: planejamento, disciplina e comprometimento.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, a melhor colocada entre os colégios estaduais em 2009 – última avaliação realizada – foi a Escola de Ensino Básico São Bento, de São Bento do Sul. Sem deixar de lado o currículo, a unidade foca também no Ideb.

– Há cinco anos passamos a nos preocupar com o Ideb. Decidimos focar nisso, inovar, mas sem perder a essência da escola. Em cada bimestre, há reuniões por séries ou por disciplinas. Nós damos sugestões, os professores trocam ideias, mas o foco principal é no professor – explica a diretora Zuleica Maria Sousa Voltolini, lembrando que os professores estudam o que vai cair na prova e fazem simulados para os alunos.

Na Escola de Ensino Básico Joaquim D'agostini, de Lacerdópolis, uma das duas primeiras colocadas nas séries finais do ensino fundamental, destaque para o planejamento.

– O segredo está no comprometimento da equipe, que tem compromisso com o planejamento e com o aluno. O Projeto Político Pedagógico (PPP) vem sendo estudado e aprimorado desde 2003. Assim, trabalha-se em grupo e o professor sabe o que precisa fazer – diz Lucimar Chiamullera, diretora no período 2009-2010 e, atualmente, assessora a direção.

No Colégio Militar Feliciano Nunes Pires, em Florianópolis, que ficou empatado com a Joaquim D'agostini nas séries finais do ensino fundamental, a disciplina é tida como uma das “armas”.

– Disciplina é nosso grande diferencial. Vemos problemas em outras escolas, quando alguns professores nem conseguem dar aulas. Aqui isso não acontece. Mas também há vários projetos paralelos que vão além da sala de aula – aponta a coronel Claudete Lehmkuhl, diretora da escola.

Não existe nota por escola no Ideb para o Ensino Médio. Mas uma forma de avaliar é pelo Enem. E o melhor colocado no Estado também é o Feliciano Nunes Pires. Outro diferencial apontado pelas três escolas é a presença constante dos pais.



CAIO MARCELO

CONTINÊNCIA No Colégio Militar Feliciano Nunes Pires, na Capital, a disciplina é apontada como o grande diferencial

O QUE É O IDEB?

➔ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgado a cada dois anos, foi criado em 2007 para medir a qualidade das escolas e das redes de ensino no Brasil. O próximo Ideb vai avaliar as escolas neste ano e deve ser conhecido em 2012.

➔ É calculado a partir de dados sobre aprovação escolar obtidos no censo escolar e de médias de desempenho na Prova Brasil e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

➔ O Saeb avalia, por amostragem, alunos da 4ª série (5º ano) e 8ª série (9º ano) do ensino médio, em matemática e português, de escolas públicas e privadas. A Prova Brasil é um exame nacional de português e matemática aplicado à 4ª série (5º ano) e à 8ª série (9º ano) de escolas públicas.

➔ Em uma escala que vai de zero a 10, os resultados do Ideb ficam no site do Ministério da Educação (portal.mec.gov.br), disponíveis para qualquer pessoa.

➔ A meta do Plano de Desenvolvimento da Educação é que o Ideb do Brasil seja

6 em 2022. Esta média é um padrão definido como aceitável para os membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o clube das 34 nações mais desenvolvidas.

PARA QUE SERVE?

➔ Com os resultados, o governo determina metas para a educação e planeja a distribuição de recursos. Além disso, diretores e professores ficam sabendo como está o trabalho feito na escola e podem promover mudanças.

O PROJETO DE LEI

➔ Em 7 de junho, o deputado federal paranaense Edmar Arruda (PSC) apresentou o projeto de lei 1536/2011, que determina que todas as escolas públicas do país fixem um painel exibindo sua nota no Ideb.

➔ O painel deverá ser colocado em local visível, junto à entrada principal da escola, e deverá ter, no mínimo, um metro quadrado.

➔ As escolas terão o prazo de até 45 dias para se adequarem, a partir da data de publicação da lei.

OS RESULTADOS

OS MELHORES DO PAÍS*

MÉDIA DO BRASIL

Séries iniciais (1º a 5º ano)	4,6
Séries finais (6º a 9º ano)	4
Ensino Médio	3,6

MÉDIA DE SC

Séries iniciais (1º a 5º ano)	5,2
Séries finais (6º a 9º ano)	4,5
Ensino Médio	4,1

SÉRIES INICIAIS

Minas Gerais	5,6
Distrito Federal	5,6
São Paulo	5,5
Paraná	5,5
Santa Catarina	5,2

SÉRIES FINAIS

São Paulo	4,5
Santa Catarina	4,5
Distrito Federal	4,4
Minas Gerais	4,3
Paraná	4,3

ENSINO MÉDIO

Paraná	4,2
Santa Catarina	4,1
Minas Gerais	3,9
São Paulo	3,9
Rio Grande do Sul	3,9

NOTAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE SC

SÉRIES INICIAIS

AS 10 MELHORES

6,7	São Bento do Sul	EEB São Bento
6,5	Joinville	EEB Prof. Germano Timm
6,5	Joinville	EEB Prof. Gustavo Augusto Gonzaga
6,5	Meleiro	EEB de Meleiro
6,5	Criciúma	EEB Humberto de Campos
6,3	Chapecó	EEB Marechal Bormann
6,3	Brusque	EEB Mons Gregório Locks
6,3	Jaraguá do Sul	EEB Prof. José Duarte Magalhaes
6,3	Morro da Fumaça	EEB Princesa Isabel
6,2	Florianópolis	EEB Prof. Henrique Stodieck

AS 10 PIORES

2,9	Florianópolis	EEB Celso Ramos
3,2	Florianópolis	EEB América Dutra Machado
3,2	Joinville	EEF Sen. Rodrigo Lobo
3,3	Curitibanos	EEB Mar. Eurico Gaspar Dutra
3,3	Guatambu	EEB Leonor Lopes Gonzaga
3,4	Lages	EEB Francisco Manfroi
3,6	Capão Alto	EEB Emiliano Ramos
3,6	Florianópolis	EEB Lúcia do Livramento Mayvorne
3,6	Quilombo	EEF João Paulo
3,6	Monte Castelo	EEB Francisco Nicolau Fuck

SÉRIES FINAIS

AS 10 MELHORES

6,0	Florianópolis	EEB Feliciano Nunes Pires
6,0	Lacerdópolis	EEB Joaquim D'agostini
5,8	São Bonifácio	EEB São Tarcísio
5,7	Videira	EEF Governador Lacerda
5,6	Joinville	EEB Osvaldo Aranha
5,6	Maracajá	EEB Eufrázio Avelino Rocha
5,5	Concórdia	EEB Vidal Ramos Júnior
5,5	Concórdia	EEB Prof. Olavo Cecco Rigon
5,5	Palmitos	EEB Princesa Isabel
5,5	S. A. da imperatriz	EEB Prof. Zulma Becker

AS 10 PIORES

2,0	Joinville	EEF Sen Rodrigo Lobo
2,1	Paial	EEB Francisco Maciel Bageston
2,1	Siderópolis	EEF Deputado Sílvio Ferraro
2,4	Lages	EEB Prof. Jorge Augusto Neves Vieira
2,5	Paulo Lopes	EEB Frederico Santos
2,5	Otacílio Costa	EEB Agar Alves Nunes
2,6	Florianópolis	EEB Pres. Roosevelt
2,6	Florianópolis	EEB Prof. Aníbal Nunes Pires
2,6	Caçador	EEM Irmão Leo
2,6	Lages	EEB Prof. Egídio Barauna